

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA PRÁTICA DE DOCÊNCIA EM CONFORMIDADE COM A TECNOLOGIA: O ENSINO REMOTO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Tiago Benante Borges

RESUMO: As ferramentas tecnológicas aliadas às práticas pedagógicas trazem consigo o conceito de cibercultura, conforme Levy (1999). Impedir o aproveitamento desses recursos disponíveis e tornar a aula online e síncrona tão somente uma transposição da aula presencial são ações que dificultam e encarecem ainda mais o ensino remoto – desafio imposto de maneira imperativa no ano de 2020. O presente trabalho pretende propor reflexões e relatar experiências obtidas no estágio supervisionado durante a pandemia que possibilitem uma nova – ou ainda recém e pouco conhecida – alternativa para compor, aplicar e aproveitar essa modalidade de ensino atualmente necessária. Já que não há mais o aprender a partir do que Freire (1996) afirma ocorrer no espaço-tempo da escola – o que está além da atividade ensinante –, as reinvenções diárias têm de estar a serviço do funcionamento satisfatório entre discentes e educadores.

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular obrigatório; ensino remoto; docência.

1. Introdução

Partindo do pressuposto de que não é possível conceber uma experiência pedagógica desvinculada das questões culturais da sociedade, o presente artigo pretende traçar um fio que conduz um balanço das realidades que o ensino remoto impôs desde 2020, porém que também perpassa as exclusões, em vista das desigualdades sociais, econômica e raciais, que essa medida acentuou para os grupos não atendidos e não contemplados pelo método das aulas online. Isso porque a relação entre educação e cultura é intrínseca e ambas envolvem uma vivência material que deveria ser garantida com qualidade pelo Estado.

Com base na TIC Domicílios, mais importante levantamento sobre acesso a tecnologias da informação e comunicação, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), “em 2019, essa proporção [do acesso domiciliar à Internet] era quatro vezes maior (71%), o que representa, em números absolutos, cerca de 50,7 milhões de domicílios conectados” (CGI, 2020, p.60).

Embora o número seja significativo, não representa a realidade universal para todos os estudantes que dependem e, no caso de um cenário pandêmico, são obrigados a submeterem-se

ao ensino remoto. Ao final do ano de 2020, o início do estágio supervisionado de forma remota foi imposto como um ambiente de campo desconhecido para as práticas pedagógicas, expondo docentes e discentes a uma maneira inovadora de se construir a aprendizagem e mecanismos de interação socioeducacional. Diferente de cursos EaD que têm nas matrizes curriculares um planejamento adequado com a finalidade de contemplar os ingressados, o caso dos alunos e alunas do 6º ano do Colégio Aplicação Pedagógica da UEL – Professor José Aloisio Aragão foi mais um entre tantos que tiveram que se articular para desenvolver uma metodologia funcional que atendesse, dentro do ensino remoto, as necessidades dos alunos para que houvesse o menor prejuízo frente ao ensino presencial. A professora Mariana Vidotti, que supervisionou as observações e regências dadas, mostrou caminhos possíveis para essa adaptação necessária.

2. Metodologia

Partindo das colaborações de McLuhan (1969), toda mudança cultural é promovida pela mudança nos meios de comunicação, seja da oralidade para escrita, da escrita para os meios de mídia eletrônicas de comunicação de massa, ou desta para o ciberespaço, conceito fundamentado por William Gibson e disseminado por Levy (1999, p. 92) que o define como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.”

A cibercultura é gerada pelo ciberespaço e só é estabelecida e eficaz quando acontece em interação, isto é, o emissor e o receptor relacionando-se diretamente entre si e assim, promovendo significado. Cabe exemplificar esse fato com a interpretação de um meme, que só se faz compreendido a partir das interações e vivências compartilhadas, ou ainda o que acontece com a tira em quadrinho, que será discutida com mais profundidade no tópico seguinte nas abordagens sobre o estágio.

No final da década de 1960, McLuhan (1969) já nos alertava sobre a dependência da humanidade com a comunicação, inserida em diferentes contextos sociais, frisando sua potência enquanto objeto transformador e de dominação da sociedade, massificando-a, afinal, “se funciona, já é obsoleto” (1969, p. 27).

É por essa máxima, e observando a intensa carga de informações que somos submetidos desde a consolidação da internet, que se torna possível entendermos as concepções de *ciberespaço* e *cibercultura* identificados por Pierre Levy (1999).

A desconexão observada por Levy (1999) entre a totalização e a universalidade favorece a interação entre as pessoas e é uma etapa em rumo de um novo molde da conjuntura educacional isenta de hierarquização e sendo dinamizada de um modo coletivo. Sendo assim,

O ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade. Ele nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita — mas em outra escala e em outra órbita — na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias online tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo imenso hipertexto vivo. (LEVY, 1999, p.118)

A universalização corresponde à possível compreensão de uma mensagem sendo ela retirada de seu contexto original, isto é, emissor e receptor não relacionando-se diretamente.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que encontravam-se a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos, ou então que se expressavam apesar de grandes diferenças culturais ou sociais. A partir daí, os atores da comunicação não dividiam mais necessariamente a mesma situação, não estavam mais em interação direta. Subsistindo fora de suas condições de emissão e de recepção, as mensagens escritas mantêm-se "fora de contexto". Esse "fora de contexto" — que inicialmente diz respeito apenas à ecologia das mídias e à pragmática da comunicação — foi legitimado, sublimado, interiorizado pela cultura. Irá tornar-se o centro de determinada racionalidade e levará, finalmente, à noção de universalidade. (LEVY, 1999, p.113)

Ao passo que a universalização se mantém, a totalidade se dissolve com a mutação contemporânea da civilização – o ciberespaço. Deste modo, o armazenamento de um tipo de saber não se faz concentrado em um único emissor, seja este um veículo de comunicação ou, personificando, um professor que dispunha, como era visto, da informação absoluta a ser transferida para o receptor (alunado), o que Freire (1996, p.13) chama de ensino “bancário”

(...) o educando a ele [ensino bancário] submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino "bancário", que deforma a necessária criatividade do

educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”.

3. Relato de estágio: dificuldades e estratégias

As adversidades derivadas da acentuada desigualdade econômica e social foram percebidas logo no primeiro momento, já que as três salas de 6º anos, divididos em A, B e C, que seriam os primeiros cenários dos quais exerceríamos a iniciação à docência, fundiram-se em uma única janela do Google Meet, em que, dos quase 90 alunos que compunham a série, somente em torno de 30 crianças presenciaram nosso acompanhamento às aulas da professora Mariana Vidotti. Esse fato se fez em decorrência da estrutura insuficiente para participarem das aulas, pela conexão ou número de aparelhos limitados e por ser necessário emprestarem dos responsáveis.

Apesar das dificuldades enfrentadas diante da situação da pandemia e seus desdobramentos, a regente da série e professora das crianças se utilizou de métodos criados por ela e de ferramentas que resultaram em uma relação ensino-aprendizagem dinâmica, eficiente e acolhedora. A forma com que a professora tratou sobre acentuação, por exemplo, destoou da maneira tradicional e esperada de abordar o tema em um modo de repetição conteudista. A regente separou a turma em quatro grupos, que ficaram encarregados de observar e registrar as regras em cada um dos segmentos da acentuação: monossílabos tônicos, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Intercalamos, então, meu colega de estágio e eu, entre os grupos (salas no Meet) para auxiliar, caso fosse necessário, a identificar alguma dessas regras. Independentemente do resultado obtido, que variou entre algumas observações que não correspondiam às regras da gramática e à atenção ao fato de que todas as proparoxítonas levam acento gráfico, o que considero êxito na prática da professora está na dinâmica mais autônoma e ao mesmo tempo coletiva de propor a atividade. Além disso, era comum mostrar jogos interativos e gratuitamente online que colaboram com o ensino da acentuação.

Outra prática percebida durante a observação, que além de estar inserida no campo da cibercultura também se mostra inovadora no sentido de extrapolar as quatro paredes da sala de aula (valendo também ironicamente para o sentido literal que isso pareça no presente contexto) foi a proposta avaliativa de leitura da obra *Malala – a menina que queria ir para escola* – da

escritora Adriana Carranca – adaptação da biografia da ativista paquistanesa. A proposta feita pela professora foi a elaboração de um vídeo relatando o que os alunos absorveram da leitura para que fosse enviado à equipe colaboradora da própria Malala Yousafzai.

Embora não tenha sido possível acompanhar a mesma turma nos dois momentos que envolveram o estágio – observação e regência – já que após o início do ano letivo de 2021 a professora assumiu o 6º ano para as aulas, a experiência de recepção e condução das aulas foi muito positiva e participativa, algo que demanda uma exigência maior no formato remoto.

A interação dos alunos durante as regências que pude desenvolver, tanto individualmente quanto em dupla com meu colega, foi muito colaborativa para a execução da aula e aproximação com os relatos pessoais contados pelos estudantes, que ora compunham um cenário de uma geração diferente da nossa, ora compartilhava de um mesmo conhecimento prévio ou até mesmo gostos próximos no campo do lazer como na aula sobre quadrinhos que sentiram-se à vontade para mostrarem as próprias HQs.

As duas turmas relacionaram-se com o conceito de cibercultura à medida que as interações dispensaram a totalização de qualquer saber e valeram-se da universalização de símbolos e um tempo vivido em comum.

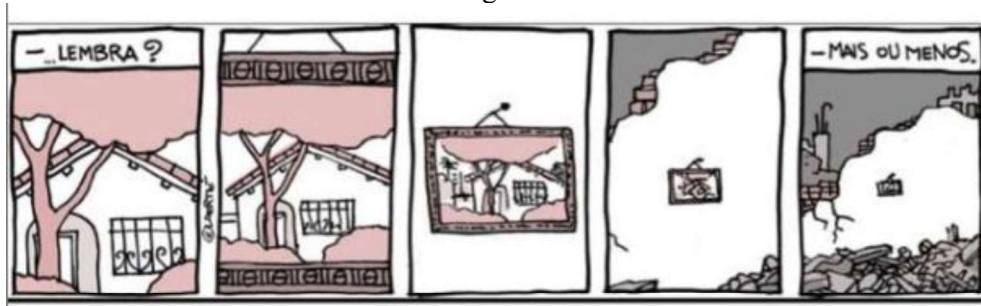
Como exemplo, é válido citar a avaliação preparada para discutirmos a respeito das tiras em quadrinhos.

Imagem 1



fonte: Instagram: Bichinhos de Jardim. Autora: Clara Gomes
Data de acesso: 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFz4qzYpaY3/>

Imagem 2



Fonte: Instagram: Laertegenial. Autora: Laerte.

Data de acesso: 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHf56fasAG3>

Imagem 3



(Folha de S. Paulo, 22/08/2012)

Nas imagens 1 e 3 foi possível confirmar o compartilhamento de um mesmo contexto, as realidades, apesar de distintas, são evidentes para que as tiras se mostrassem elucidativas para uma interpretação geral. No caso de 1, onde já havia sido questionado a respeito do conhecimento de Mafalda e seu criador Quino, o reconhecimento de uma tira de homenagem foi imediato. E em 3, a problemática da desigualdade social e das posições de poder também foi apontada como tema pelos alunos.

No caso da imagem 2, assim como na oportunidade da última regência, meu intuito foi a mescla de gêneros: Aqui, pedi a correlação por parte dos alunos, do poema “Confidência de Itabirano”, de Carlos Drummond de Andrade, com uma das tiras postas em alternativas; o reconhecimento de alguns da turma com a tira da Laerte se deve pelo verso “Itabira é apenas uma fotografia na parede”. Não foi feita uma associação (expressa, pelo menos) em relação ao

aspecto saudosista ou de memória de ambas as obras, no entanto, a aula teve como grande mérito conseguir apresentar e construir uma breve análise de um poema de um autor de renome e relevância consolidada, trazendo-o para uma maneira imagética, intertextual e com uma nova linguagem, a do texto não verbal.

É preciso ressaltar que, em nossas práticas, tínhamos em vista que, “No estágio, os alunos perceberão a interdisciplinaridade necessária para a compreensão da realidade. É preciso sempre pensar a teoria como instrumento de compreensão e intervenção” (ANDRADE, 2005, p.23).

Da mesma maneira, na última regência realizada, a mescla com o gênero poesia novamente foi uma escolha, mas que se relacionava, nesse segundo momento, com o conteúdo de notícia, que a professora já havia iniciado na aula anterior. O que foi trabalhado, então, e proposto para reflexão foram os termos gerais que envolvem esse gênero jornalístico, a linguagem adequada ao tipo de texto, os diferentes suportes em que a notícia pode ser veiculada e as próprias escolhas que são feitas para se decidir o que vale circular enquanto fato noticiado ou não. Atrelado a essas características gerais, o “Poema retirado de uma notícia de jornal” (1930) cumpriu a função de texto poético e exemplo de um dos traços marcantes de Bandeira, como as marcas da oralidade e o cotidiano.

O método utilizado na regência foi uma análise comparativa com o fato da morte de João Gostoso publicado no final de 1925 e o modo que a notícia foi veiculada nos jornais da época (*Jornal do Brasil, Correio da manhã, O imparcial, O Beira-Mar e O Paiz*). Os dados foram colhidos na matéria de Armando Antenore da revista *Piauí* na edição de Agosto de 2019.

Além da curiosidade histórica, pudemos tratar sobre a diferença que envolve ambos os gêneros, mesmo decorrendo de um mesmo fato, e também sobre o risco de se ater à falsa ideia de imparcialidade jornalística posta como característica base de um texto jornalístico.

4. Considerações finais

A relação interativa e descentralizada se mostrou presente em quase todas as esferas de realização prática do estágio supervisionado. Incluindo as reuniões com a orientadora Sheila Lima, tanto na dinâmica de aulas simuladas, que lidava justamente com a inversão de papéis entre professora e alunos, quanto com a forma que nós, os orientandos, nos organizávamos,

mesmo que intuitivamente, nos processos necessários para formação e condução de uma aula. Isso também ocorreu no meu caso com meu colega de estágio, escolhendo um conteúdo de literatura ou gramática, de acordo com a facilidade de parte da dupla, ou apontando impressões e comentários nas aulas que eram realizadas pelos colegas, com dicas de fontes e de utilização de recursos.

A escolha de trabalhar com a mescla de gêneros textuais inicialmente foi fruto da correlação feita por mim entre os conteúdos programados e os poemas escolhidos nos dois casos exemplificados no eixo 3, mas se mostrou muito mais interessante por notar uma curiosidade despertada pelos alunos em tópicos que eu não esperava durante o preparo da aula, como curiosidades biográficas sobre Bandeira. Ao longo desse processo de estágio remoto, constatamos que,

Para ser professor, é preciso vivenciar a ESCOLA, esta instituição que é o espaço de sua prática profissional, e que se encontra povoado de praticantes de um mesmo afazer, e mais, de um afazer que só existe como prática coletiva – é isso que o Estágio Supervisionado permite, mas não garante. Formar um professor é mais do que a soma de todos os créditos de um “Histórico Escolar”, mais do que expressam as ementas das muitas disciplinas pagas durante o curso. O todo continua a ser maior do que a soma das partes. (ANDRADE, 2005, p.22-23)

Diante desse contexto, acredito que, como na escola, o trabalho foi feito de maneira colaborativa, desde a formulação do conteúdo até sua realização prática. O afazer, portanto, presente na relação ensino-aprendizagem, constituiu-se coletivamente. É importante salientar que, apesar da necessidade do ensino remoto nos tempos atuais, ele não supre a essência da educação presencial. Mesmo assim, é possível conceber, em ambos os espaços, virtuais ou não, traços da cibercultura que potencializem as vivências em sala de aula, se admitida uma estrutura suficientemente adequada para o uso de recursos necessários.

Referências:

ANDRADE, Arnon. O estágio supervisionado e a práxis docente. *In*: SILVA, Maria Lúcia Santos Ferreira – organizadora. **Estágio curricular**: contribuições para o redimensionamento de sua prática. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2005. p. 21-26

COMITÊ Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). (2020). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil**: pesquisa TIC Domicílios, ano 2019: Relatório de coleta de dados. São Paulo: CGI.br.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1969.